A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL, PESSOAS TRANSGENEROS E O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA

Ana Bel Costa de Souza[1], Maryland Bessa Pereira Maia[2]

[1]Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu, rodrigo.alcantara@aluno.uece.br
[2]Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu, mary.bessa@uece.br

Resumo

A presente pesquisa analisa a história da educação no Brasil a partir de uma perspectiva crítica, problematizando os silenciamentos e as exclusões históricas que atravessam os processos educativos, especialmente no que se refere às pessoas transgênero. Fundamentando-se no conceito de "história única", discutido por Chimamanda Ngozi Adichie, o estudo evidencia como narrativas hegemônicas têm contribuído para a invisibilização de identidades dissidentes de gênero no campo educacional. A investigação busca compreender de que forma a produção histórica da educação brasileira foi constituída por discursos normativos que reforçam padrões cisheteronormativos, ao mesmo tempo em que marginalizam experiências e trajetórias de sujeitos trans. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, que dialoga com estudos da pesquisadora Chimamanda Nagozi Adichie (2019) e Demerval Savianni (2021) . Como resultado preliminar, aponta-se a necessidade de construção de narrativas plurais que reconheçam a diversidade de sujeitos e experiências, contribuindo para uma educação mais inclusiva, democrática e comprometida com a justiça social.

Palavras-chave: História da Educação Brasileira; Pessoas Transgênero; História Única; Diversidade de Gênero

1. INTRODUÇÃO

> *"É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna."*
>
> ***Chimamanda Nagozi Adiche***

A história oficial da educação brasileira, com frequência, reproduz narrativas hegemônicas que ocultam experiências e trajetórias de grupos marginalizados. Pessoas transgêneras costumam ser invisibilizadas ou reduzidas a estereótipos em livros didáticos, políticas e memórias institucionais. Essa invisibilidade contribui para a naturalização de exclusões sociais e educativas. A ideia do "perigo da história única" (Adichie, 2009) alerta para os riscos de aceitar uma única narrativa como totalidade da realidade: quando a educação reproduz apenas um recorte de experiências, legitima-se desigualdade, violência simbólica e negação de direitos.

No que diz respeito ao conceito transgenero, Styker (2008) explica que " é usado de forma ampla para abranger todas as variações das normas tradicionais de gênero." Na nossa sociedades somos ensinados desde que nascemos a agir conforme o sexo biológico que nascemos. Mas é importante lembrar que gênero não se diz a respeito a um órgão, mas sim a como a pessoa se identificam, se apresenta e se expressa na sociedade. Essa questão

Pensando sobre essa ótica, essa pesquisa bibliográfica se propõe a investigar como a história da educação brasileira tem construído (ou silenciado) narrativas sobre pessoas transgêneras e de que maneira a pluralização histórica pode contribuir para práticas educativas mais inclusivas. Refletir acerca da temática teve seu início na disciplina de História da Educação Brasileira, no âmbito do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará.

2. EDUCAÇÃO NO BRASIL, PESSOAS TRANSGENERO E O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA

Segundo Saviano (2008) "No Brasil a origem das instituições escolares pode ser localizada em 1549 com a chegada dos jesuítas que criaram, na então colônia portuguesa a primeira escola brasileira" com essa chegada dos jesuítas no Brasil, todo o processo da

educação foi traçado nesta única linha com o catolicismo e a cultura europeia. Dessa forma também a defesa de uma visão de gênero baseada no sexo biológico. Esse heterocentrismo gerou na nossa sociedade uma invisibilidade e exclusão das pessoas que não se enquadram nesse binarismo de gênero.

No cenário historiográfico, o primeiro registro que se tem de pessoas transgêneros, é a Xica Manicongo, a primeira travesti do Brasil, natural do Congo, foi sequestrada e vendida para trabalhar como sapateira, no ano de 1591, Xica, se vestia com roupas dadas como femininas e se recusava a vestir-se com as roupas dadas por seu senhorio, e isto incomodava aos que seguiam os dogmas do catolicismo, segundo Damásio (2023) "Condenada a pena de morte e a ser queimada viva em praça pública e ter seus descendentes desonrados até a terceira geração pela igreja racista, Xica Manicongo precisou abrir mão de quem era para ter o direito de viver." Não se tem mais registros sobre Xica, a falta de histórias como essa nos currículos escolares nos mostra como essa invisibilidade ainda hoje está presente.

De fato, a pergunta constante é: por que a narrativa de Dica Manicongo nunca é incluída nos livros de história? Quem reconhece e escolhe as histórias que podem ser retratadas nesses recursos? Nesse percurso, Chimamanda Ngozi Adichie oferece uma alternativa de visibilidade, articulando de maneira assertiva o risco de interpretarmos a história através de uma única perspectiva. No caso brasileiro, a construção históriográfica eurocentrica sufocou a possibilidade de uma construção histórica plural invisibilizando culturas ancestrais e negando histórias de vida. Portanto, o estudo aqui apresentado em estágio inicial discute a existência de uma história singular na educação do Brasil e a invisibilidade de pessoas transgeneros.

3. METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica está presente na trajetória de todos os estudantes universitários, uma vez que integra a rotina formativa das disciplinas. Nos primeiros semestres de um curso, essa ferramenta se torna essencial para os estudos acadêmicos, visando o conhecimento e a exploração de novos temas ou o aprofundamento de outros. Corroborando com essa observação Andrade (2010, p. 25), expõe que esse tipo de pesquisa é "habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas".

No caso do trabalho aqui estruturado, esse método foi importante para pensar as questões postas sobre a invisibilidade das pessoas transgênero nos nossos conteúdos de educação. Para a construção desse caminho, a pesquisa se estruturou a partir de duas

bibliografias, a saber: a primeira a partir do livro da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, O Perigo de Uma História Única, fonte fundamental para discorrer sobre o conceito de história única. O segundo, usamos o livro História das Ideias Pedagógicas no Brasil, do professor Demerval Saviani. É importante destacar que este trabalho é uma das primeiras tentativas de estudar o tema enquanto objeto de pesquisa.

4. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O TEMA

4.1. A história única como processo de exclusão de pessoas transgénero no cenário educativo.

O livro O Perigo de Uma História Única tornou-se na academia um campo teórico de referência para o debate defensivo da pluralidade de histórias possíveis. Essa possibilidade apresentou visibilidade do processo de exclusão sofrido por personagens e culturas diversas. Tomando como lente para a análise da história da educação brasileira, é possível identificar os seguintes pontos: a não representatividade no campo da história das diversas possibilidades humanas e, por conseguinte, as também diversas possibilidades educativas. É antagônico, pois a Constituição de 1988 “assegura o direito à educação como meio de desenvolvimento da pessoa e de exercício da cidadania”, mas a realidade demonstra que a escola ainda reproduz desigualdades e preconceitos estruturais (Domingues 2026, p. 14). Essa história única reforça essa estrutura que produz para pessoas trans o lugar de violência e ausência humana.

A escola e toda sua história precisam ressignificar os conteúdos escolares, precisam passar a ser lugar de resistência e os conteúdos ferramentas de visibilidade histórica. Com todo respeito à vasta pesquisa do livro História das Ideias Pedagógicas do professor Saviani (2021), a invisibilidade histórica está presente nas várias camadas dos capítulos. A perspectiva de identificar as ideias pedagógicas de cada período histórico não poderia ser a possibilidade de não aparecer os grupos invisibilizados. Todavia, quem sabe essa tarefa não seja nossa, já que toda pesquisa tem seus limites histórico-temporais.

5. CONCLUSÕES

Portanto é necessário revisitar o estudo das histórias, trazer pesquisas que não tenham cunho único de informação, assim é possível corrigir certos estereótipos, preconceitos e desinformações que são postumamente repassados em salas de aulas e em diferentes níveis de ensino. Vivemos em um sistema capitalista dominado pela elite, que é composta por “meia”

dúzia de “super ricos”. O planejamento dessas pessoas não é conscientizar ou formar o senso crítico das grandes massas que é a classe trabalhadora do país. A marginalização das comunidades, das culturas e costumes do povo negro, o sucateamento na educação e na saúde pública; não aconteceu do nada, nada mais é que escolhas na tentativa de afastar esse povo de uma educação de qualidade, de um acesso a lugares e cargos de que por muito tempo só contemplavam a elite burguesa.

6. Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação.** São Paulo, SP: Atlas, 2010.

Direitos humanos em crise e resistência [recurso eletrônico] : desigualdades, inclusão e lutas sociais no Brasil contemporâneo / organizador: Jonathan Machado Domingues. - Santo Ângelo : Ilustração, 2026.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Autores Associados, 2021.